

## PREGAÇÃO NARRATIVA

*André Jorge Catalan Casagrande<sup>1</sup>*

### RESUMO:

As narrativas, desde sempre, encantaram a humanidade. Ante um mundo saturado por narrativas, as prédicas se deparam com um enorme desafio: cativar a atenção de ouvintes afeitos a *storytellings*, telenovelas e séries provenientes das plataformas de *streaming*. A competição seria desleal, não fosse a Bíblia, primordialmente, um livro composto por narrativas. De modo que, em nossa compreensão, a melhor maneira de nos comunicarmos com uma sociedade em que imperam narrativas é nos valendo das narrativas bíblicas. Este artigo propõe que nos debruçemos sobre as narrativas do Antigo Testamento para a construção de sermões narrativos ou em primeira pessoa. O intuito é a expansão dos horizontes homiléticos para além dos textos neotestamentários. Utilizaremos como base teórico-metodológica os estudos referentes a análise literária da Bíblia, bem como o método homilético proposto pelo teólogo norte-americano J. Kent Edwards.

### PALAVRAS-CHAVE:

Homilética, narrativas bíblicas, sermão em primeira pessoa.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em Ciências da Religião pela mesma instituição, bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (1999-2002). Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil em Porecatu-PR.

## Introdução

O maior passatempo dos brasileiros, até bem pouco tempo, eram as telenovelas. Conheci pessoas para quem elas eram sagradas. Em hipótese alguma saiam da frente da televisão enquanto a novela estivesse no ar. Nunca perdiam um capítulo sequer. Hoje, as coisas mudaram. As séries das plataformas de *streaming* têm ganhado cada dia mais espaço no Brasil e no mundo. Além de serem hipnotizantes, elas podem ser vistas a qualquer hora do dia ou da noite, em qualquer lugar, e a partir dos mais diversos suportes, tais como televisores, celulares, *tablets*, *notebooks* etc.

*La casa de papel*, seriado espanhol, tornou-se um dos maiores acontecimentos mundiais:

O fenômeno da *Netflix* que coloca 8 ladrões dentro da Casa da Moeda da Espanha se tornou o primeiro sucesso mundial da *Netflix* em língua não inglesa. Seu sucesso foi tanto que os macacões vermelhos e as máscaras de Dalí dos ladrões da série, assim como a música italiana "*Bella Ciao*", viralizaram no mundo todo, se tornando temas de manifestações e festas a fantasia. A *Netflix* da Espanha revelou que a quinta temporada de '*La Casa de Papel*' superou o próprio recorde de audiência e foi assistida por 69 milhões de contas nas quatro primeiras semanas. A quarta temporada, por sua vez, foi vista por 65 milhões de contas na mesma quantidade de tempo. A série é uma das mais famosas de todos os tempos e foi finalizada! (GONÇALVES, 2023).

Os seriados prendem tanto a atenção dos telespectadores que muitos passam noites em claro a fim de concluir todos os episódios e todas as temporadas no menor prazo de tempo possível. Por que as pessoas gastam tanto tempo em frente à TV assistindo séries, filmes e telenovelas? Por que os serviços de *streaming* fazem tanto sucesso? A resposta é simples: por causa das narrativas. As pessoas adoram uma boa história.

Ante um mundo saturado por narrativas, os pregadores se deparam com um enorme desafio: cativar a atenção de ouvintes afeiçoados às inúmeras séries e filmes das plataformas de *streaming*. A competição seria desleal, não fosse a Bíblia, primordialmente, um livro composto por narrativas. De modo que, a melhor maneira de um pastor se comunicar com uma sociedade envolta em narrativas é, sem dúvida, valendo-se de uma das muitas histórias narradas nas Sagradas Escrituras. No entanto, ainda que o gênero literário narrativo predomine na Bíblia, a maioria dos pregadores costumam evitá-lo por causa do desconforto exegético, hermenêutico e homilético frente ao texto narrativo.

O intuito deste artigo é, portanto, expandir o horizonte homilético dos pregadores a fim de que ele abarque também as narrativas bíblicas. A homilética, retórica sagrada, é a disciplina teológica que auxilia na preparação de pregações bem estruturadas, articuladas, contextualizadas e dinâmicas. De certa forma, todas as cátedras do curso teológico convergem para o púlpito, uma vez que

uma das mais árduas e importantes tarefas do ministério pastoral é a preparação semanal de sermões. O grande problema é que os pastores, em sua maioria, não foram preparados para pregar sermões a partir dos textos narrativos da Bíblia. Isto ocorre, porque os cursos teológicos, ao menos em território tupiniquim, persistem em uma escola homilética tradicional que classifica as pregações em expositivas, doutrinárias, tópicas e textuais. A pretensão deste modesto artigo, que o leitor tem em mãos, é assinalar uma nova possibilidade de abordagem homilética aos púlpitos brasileiros: a da pregação narrativa.

Jesus, nosso maior exemplo homilético, pregava por meio de narrativas. Frei Betto, teólogo brasileiro, brinca que os evangelhos foram escritos em Minas Gerais: “[Eles] Não contém uma única aula de teologia ou doutrina, são cheios de *causos* chamados parábolas” (BETTO, 2017, p. 12). A teologia do Antigo Testamento, por sua vez, vem embalada em narrativas sobre homens, mulheres, reis, profetas etc. No entanto, elas parecem não servir aos adultos, senão, somente, às crianças. Dificilmente as vemos em nossos púlpitos.

O enfoque do presente artigo recairá sobre a pregação de textos narrativos, bem como sobre a pregação de sermões em primeira pessoa. Abordaremos a fundamentação exegética e homilética para o preparo de um sermão narrativo. Forneceremos um breve exemplo de sermão em primeira pessoa de um passo das Escrituras Sagradas do Antigo Testamento. Nosso objetivo é

repensar a homilética a fim de que os pregadores alcancem e impactem os ouvintes do século XXI.

### **Pregando a partir de textos narrativos**

De maneira geral, os pregadores evitam os textos narrativos, principalmente, os do Antigo Testamento. J. Kent Edwards, catedrático de homilética na *Biola University*, afirma que a maioria dos pastores preferem pregar apenas o Novo Testamento por se sentirem mais confortáveis:

A maior parte de nós aprendeu a pregar as epístolas do Novo Testamento quando estava no seminário, apenas as epístolas. Hoje, sentimo-nos à vontade para criar esboços mecânicos a partir de Romanos 5, mas não sabemos bem o que fazer com outros gêneros. Os nossos horizontes homiléticos têm de se alargar até incluírem as narrativas das Escrituras (EDWARDS, 2005, p. 14, tradução nossa).

Por esse ponto de vista, um pastor que saiba manejar eximamente um texto do Novo Testamento a fim de dar-lhe um corpo homilético, pode ser péssimo pregando as narrativas do Antigo Testamento. O que significa dizer que alguém pode se sair muito bem pregando a partir das epístolas paulinas, mas pode se dar muito mal expondo a narrativa de Sansão, por exemplo.

Até porque, uma coisa é contar as histórias do herói danita para as crianças de nossas igrejas, outra, bem diferente, é pregar um sermão sobre um dos mais improváveis personagens do Antigo Testamento. Como afirmo em meu livro *Sansão na ótica da literatura*: “Uma coisa é contar as façanhas de Sansão para uma criança, tornando-o um espécie de super-herói bíblico. Outra, completamente diferente, é interpretar e inserir a narrativa sansoniana no contexto da história de Israel e dos planos divinos” (CASAGRANDE, 2021, p. 14). Mais difícil ainda é aplicar a mensagem de Sansão ao homem contemporâneo, seguindo as regras da boa hermenêutica. Se bem que poderíamos, neste caso específico, construir uma ponte tipológica entre Sansão e Jesus. Segundo Frye, estudioso da Bíblia como literatura, os acontecimentos do Antigo Testamento são tipos, isto é, rascunhos ou esboços antecipadores de coisas que ocorrerão no Novo Testamento (FRYE, 2004, p. 108). Dessa forma, recorreremos novamente a Casagrande:

O que nos interessa para fins de uma interpretação tipológica é o fato de que Sansão veio ao mundo com a missão de libertar os israelitas das mãos dos filisteus. De modo similar, Cristo também se enquadra na figura do herói como redentor do mundo. No entanto, diferentemente de Sansão, que visa uma libertação meramente política (ainda que inconclusa), na ótica do Novo Testamento a redenção ocasionada por Cristo na cruz é de cunho espiritual e definitiva. Além disso, o juiz israelita dá sua própria vida a fim de cumprir sua missão. Cristo também o faz. Ambos

pagam um preço alto para se tornarem redentores do mundo: um soterrado no templo de Dagom, o outro na cruz do Calvário. Sem contar que o filho de Manoá foi traído por Dalila, a quem ele amava, por mil e cem ciclos de pratas de cada um dos príncipes dos filisteus. O filho do carpinteiro foi traído por Judas, um dos discípulos de seu círculo mais íntimo, por trinta moedas de prata. Não podemos nos esquecer que Sansão se tornou motivo de escárnio por parte dos filisteus, além de ter tido seus olhos furados. Cristo, por sua vez, foi escarnecido pelos soldados romanos e, enquanto pendurado na cruz, teve um dos lados de seu corpo perfurado por uma lança. Como se não bastassem as similaridades anteriormente pontuadas, ambos são oriundos de localidades insignificantes. Sansão era de Dã, a mais pobre e desprezada de todas as tribos de Israel. Jesus, de Nazaré, a favela do mundo (CASAGRANDE, 2016, p. 71).

Um sermão narrativo sobre Sansão, por exemplo, poderia ser concluído de maneira cristológica por meio da correlação tipológica existente entre Cristo e Sansão conforme mostra o excerto acima.

### **O sermão narrativo como possibilidade homilética**

O pregador deve sempre procurar o melhor meio para se comunicar com os seus contemporâneos. Essa deve ser uma de suas principais preocupações. A mensagem precisa alcançar os ouvintes. Diferentemente de séculos anteriores, em que não havia, por exemplo, a concorrência dos aparelhos eletrônicos, na contemporaneidade está cada vez mais difícil competir com eles e

prender a atenção do público. Sobre isso, mais uma vez recorremos a Kent Edwards:

Se quisermos ser tão eficazes como Lutero e Spurgeon foram nas suas gerações, temos de ser tão contemporâneos como eles foram. Para causar o máximo impacto em nossa sociedade, temos de comunicar as Escrituras de forma que as pessoas possam ouvir e responder melhor (EDWARDS, 2005, p.15, tradução nossa).

No livro *Effective first-person biblical preaching*, Kent Edwards propõe a pregação de sermões em primeira pessoa. Esse tipo de sermão funcionaria como uma espécie de monólogo. Poderia, inclusive, confundir-se com uma peça teatral, com um texto dramático ou algo parecido.

Não seria, no entanto, tal tipo de peça homilética puro entretenimento? A resposta é negativa. Assim como existem filmes extremamente educativos, que nos fazem ponderar sobre a nossa realidade existencial, existem também sermões em primeira pessoa que podem abordar temáticas da relação entre o homem e Deus por meio da dramatização, enriquecendo sobremaneira os púlpitos brasileiros. A respeito da comunicação do pregador com uma sociedade envolta em narrativas, Kent Edwards diz o seguinte:

A melhor maneira de nos comunicarmos com uma sociedade que adora histórias é com histórias. A melhor maneira de pregar a esta sociedade é utilizando as histórias das Escrituras. Ainda bem que Deus usa muitas. As narrativas são o gênero



predominante na Bíblia. Para sermos fiéis à Palavra e eficazes para a nossa cultura, temos de aprender a pregar as histórias das Escrituras. Os sermões em primeira pessoa são uma excelente forma de comunicar a literatura narrativa à uma sociedade narrativa (EDWARDS, 2005, p. 15, tradução nossa)

Para a preparação de um sermão em primeira pessoa, o pregador, além de reescrever o texto narrativo da Bíblia como se fosse um roteirista de cinema, um dramaturgo ou um ficcionista, ainda tem de atuar como um personagem na hora da pregação.

Sem perder a profundidade exegética necessária para a construção de um sermão convencional<sup>2</sup>, o sermão narrativo ou em primeira pessoa pode carregar uma dramaticidade muito mais envolvente, desembocando em uma profundidade ainda maior do que a de um sermão convencional. O Antigo Testamento (bem como o Novo) estão repletos de histórias magníficas e de personagens cativantes. São narrativas carregadas de emoção e vitalidade. Para se ter uma ideia da maestria das narrativas bíblicas, basta ponderarmos sobre o que foi dito por Jorge Luis Borges, afamado escritor argentino, para quem o Evangelho está entre as três maiores histórias da humanidade (MILES, 2002, p. 81).

Em outro livro, *Deep Preaching* (cujo título traduzido para o português seria *Pregando com profundidade*), Kent Edwards conta sobre o tédio que sentiu ao assistir o filme *Jurassic Park 3*. Segundo

---

<sup>2</sup> Em contraposição ao sermão narrativo usarei o termo convencional para me referir aos sermões que estamos acostumados a ouvir.

ele, a previsibilidade do enredo fez com que tivesse dificuldades para se manter acordado. Mesmo assim, assistiu não apenas o filme como também o bônus que veio agregado a ele, o qual relatava os bastidores da produção. Ao saber que os produtores do filme gastaram milhões de dólares para construir um dinossauro hidráulico gigante, extremamente realista, somente para este filme, o professor de homilética se questionou: “Como é que um pregador pode competir com isto? Se até os filmes de segunda categoria recebem milhões de dólares em efeitos especiais, como os pregadores podem cativar a atenção do seu público?” (EDWARDS, 2009, posição kindle 204, tradução nossa).

Algumas páginas a frente, ele continua apresentando a mesma preocupação que tem observado até então: “Devemos partir do princípio de que cada pessoa que vem nos ouvir pregar passou a sua semana exposta ao melhor entretenimento multimídia que a nossa sociedade tem para oferecer. E que isso se tornou a sua referência de normalidade” (EDWARDS, 2009, posição kindle 218, tradução nossa).

Se nunca foi fácil ocupar o púlpito, parece ter ficado ainda mais difícil nos dias de hoje.

## **O sermão narrativo versus o sermão expositivo**

A meu ver, a pregação expositiva tem por objetivo expor uma determinada perícopes das Sagradas Escrituras. O pregador deveria, portanto, em uma pregação expositiva, ater-se ao texto lido, bem como à sua perícopes anterior e posterior.

A pregação narrativa propõe, como afirma sua própria nomenclatura, uma pregação embasada em perícopes narrativas das Escrituras. Os quatro capítulos de Juízes a respeito de Sansão (Jz 13-16), por exemplo, servem muito bem para ilustrarmos essa questão. Poderíamos extrair desses capítulos uma série de mensagens a respeito do juiz danita. Tais textos narrativos, por sua vez, surgem em um determinado contexto. Sobre esse ponto, Edwards faz a seguinte observação: “Não se pode compreender o texto a não ser que se compreenda o seu contexto. [...] Para comunicar fielmente uma narrativa bíblica, é preciso compreender o livro de onde ela provém. Tire um tempo para perguntar: Qual é o contexto maior da sua história?” (EDWARDS, 2005, p. 34, tradução nossa). Devemos nos perguntar também como a história em apreço (a perícopes em destaque) contribui para o objetivo de todo o livro.

Haveria, portanto, algum tipo de conflito entre o sermão expositivo e o sermão narrativo? Penso que não. Hernandes Dias Lopes, no livro *Pregação Expositiva*, fornece a seguinte definição sobre a pregação expositiva:

“[...] independentemente do estilo – tópica, textual ou *lectio continua* -, a pregação pode ter caráter expositivo desde que tenha o compromisso de explicar o texto da Escritura, segundo o seu significado histórico, contextual, e interpretativo, transmitindo aos ouvintes contemporâneos a clara mensagem da Palavra de Deus com aplicação pertinente” (LOPES, 2022, p. 20).

Na continuidade, Hernandes diz ser possível classificar as pregações expositivas como: “pregação expositiva textual, pregação expositiva tópica e pregação expositiva *lectio continua*” (LOPES, 2022, p. 21). Para ele, para ser expositiva basta que a pregação seja bíblica, isto é, respalde-se na Bíblia como um todo.

Todo sermão narrativo carece, obrigatoriamente, ser extraído de uma perícopes da Escritura. Se assim não for, a narrativa, por si só, acaba ficando sem pé nem cabeça. Por esse motivo, entendemos que todo sermão narrativo é expositivo, uma vez que visa explicar um texto bíblico dentro de seu contexto histórico, contextual, cultural e interpretativo, aplicando-o de maneira clara aos expectadores contemporâneos. Mais uma vez recorremos a Edwards:

O principal objetivo de um pregador é comunicar e aplicar a ideia principal pretendida pelo autor original de uma unidade da Escritura. A boa pregação não se baseia numa ideia original. Ela se esforça para dizer a uma audiência contemporânea o que o autor original do texto bíblico disse à audiência original. (EDWARDS, 2005, p. 20)

Edwards faz referência a uma unidade da Escritura, a qual nós temos feito (denominando-a perícopes). Além disso, deve-se, na pregação em primeira pessoa, olhar para o todo da narrativa e não apenas para uma parte.

Steven Mathelwson inicia o livro *The art of preaching Old Testament Narrative (A arte de pregar as narrativas do Antigo Testamento)* falando sobre a importância da pregação expositiva das narrativas veterotestamentárias. Sobre isso, ele diz o seguinte:

Estou escrevendo, principalmente, para pregadores que estão empenhados na pregação expositiva. Quero ajudá-los a fazerem a exposição da literatura narrativa do Antigo Testamento. Por "pregação expositiva", refiro-me à pregação que expõe o significado de um texto da Escritura e aplica esse significado à vida dos ouvintes (MATHELWSON, 2002, n.p., tradução nossa).

Destarte, fica claro que pregar as narrativas das Escrituras é, obrigatoriamente, pregar sermões expositivos. Além disso, pregar em primeira pessoa é, de igual modo, expor uma narrativa da Bíblia.

### **A inspiração canônica também perpassa os gêneros textuais**

A Confissão de Fé de Westminster em seu primeiro capítulo “Da Escritura Sagrada” afirma que: “Sob o nome Escritura Sagrada, ou Palavra de Deus escrita, incluem-se agora todos os livros do Velho e do Novo Testamento, que são os seguintes, todos dados por

inspiração de Deus para serem regra de fé e de prática” (CONFISSÃO DE FÉ, 1980, p. 1). Após essa citação, a Confissão de Fé lista os sessenta e seis livros da Bíblia, um a um, do Gênesis ao Apocalipse.

Duas coisas devem servir para nossa reflexão a partir desse excerto. A primeira delas diz respeito a inspiração do Antigo Testamento e ao fato de que, por causa disso, ele merece um lugar ao sol nos púlpitos brasileiros contemporâneos. Já dissemos anteriormente que a tendência dos pastores é a de pregar apenas os textos do Novo Testamento, lugar em que se sentem mais confortáveis.

A segunda questão a ser abordada, diz respeito a inspiração do cânon bíblico. Segundo Edwards, nossa visão da inspiração canônica deve ser ampliada e alargada, abarcando também o gênero do texto. Não há dúvida de que no processo de comunicação a escolha do gênero textual influencie significativamente no significado do que é dito. Bons comunicadores compreendem a importância de fazer corresponder suas mensagens aos gêneros mais adequados. O uso do gênero correto, portanto, pode apurar uma mensagem tornando-a mais assimilável, enquanto um gênero inadequado pode distorcê-la e destruí-la. Assim, percebe-se que o gênero não é neutro, nem de somenos importância, pois influencia ativamente no significado tanto quanto a seleção lexical, sintática etc. Sobre isso, mais uma vez citamos Kent Edwards:

A única forma de comunicarmos a Palavra de Deus com clareza é tomarmos nota do gênero. O gênero tem de influenciar a nossa homilética tanto quanto a nossa exegese. É impossível para um pregador reproduzir o sentido do texto sem ter em conta, em termos homiléticos, o gênero original do texto (EDWARDS, 2005, p. 20, tradução nossa).

A ideia proposta por Edwards é a de que a mensagem pretendida pelo autor original do texto bíblico será retransmitida com mais fidelidade se o gênero, isto é, a forma da mensagem original for preservada. Daí o motivo para a pregação narrativa ou para os sermões em primeira pessoa:

Não prego sermões em primeira pessoa num esforço para estar na moda. Nem sou dominado por um desejo de ser relevante para a nossa cultura saturada por narrativas. Pregar sermões em primeira pessoa é ser fiel ao gênero predominante nas Sagradas Escrituras. Tornamos as nossas pregações por demais filosóficas, ensaísticas, explicativas e cheia de ideias (EDWARDS, 2005, p. 20-21, tradução nossa).

Um dos segredos para conseguirmos pregar bons sermões narrativos é compreendermos que “as narrativas bíblicas são literatura teológica divinamente escrita por autores humanos para ajudar o povo de Deus a enfrentar os desafios específicos de seus dias” (EDWARDS, 2005, p. 39, tradução nossa).

## **Proposta exegética para um texto narrativo**

Sáímos do curso teológico com a impressão de que a exegese que utilizamos para pregarmos os textos paulinos servirão para os textos narrativos e vice-versa. O texto narrativo, por sua vez, exige uma chave exegética própria que nos abra a porta para a compreensão e assimilação de histórias bíblicas tanto veterotestamentárias quanto neotestamentárias.

Neste artigo, lançamos mão de uma proposta exegética a partir do uso das Teorias Literárias como chave interpretativa das narrativas bíblicas. Ou seja, entendemos que para a construção de um sermão narrativo o pregador deve se valer dos textos bíblicos como peças literárias. Sobre a Bíblia como literatura, Edwards dirá o seguinte:

O Deus que ama a beleza inspirou uma bela literatura. Assim, aqueles que querem compreender a literatura de Deus devem dedicar algum tempo a apreciar a sua beleza sutil e complexa. Os intérpretes devem reconhecer as qualidades literárias inerentes a esta literatura. O significado da natureza literária das Escrituras no processo interpretativo não deve ser minimizado (EDWARDS, 2005, p. 33, tradução nossa).

A partir dessa visão literária da Bíblia, Kent Edwards aponta o caminho para a exegese de um sermão baseado em um texto narrativo por meio de oito passos. São eles: 1) Ajustar o paradigma interpretativo; 2) Compreender o contexto maior da história que se



quer pregar; 3) Determinar a estrutura da narrativa; 4) Analisar as personagens; 5) Descobrir a ambientação da história; 6) Encontrar a grande ideia da narrativa; 7) Checar novamente a grande ideia da narrativa; 8) Fazer uma aplicação.

O enredo (estrutura narrativa) é composto por várias cenas individuais. Quanto mais longa a narrativa, maior o número de cenas. O objetivo do exegeta dos textos bíblicos narrativos é compreender como cada cena contribui para o todo da narrativa. Para tanto, Edwards propõe três perguntas fundamentais: 1) Por que o narrador incluiu tal cena? 2) Como esta cena auxilia no avanço do enredo? 3) De que modo a narrativa seria prejudicada caso esta cena fosse omitida? (EDWARDS, 2005, p. 42).

Além disso, é necessário encontrar o conflito presente na narrativa. Sendo esta, uma regra das mais básicas da análise literária. Não existe narrativa se não houver um conflito. É necessário se perguntar como o autor usa a cena em apreço para aumentar ou diminuir a tensão presente na narrativa.

Outro passo importante é, sem dúvida, a análise das personagens. Por isso, é necessário identificá-las, classificá-las e observar suas ações:

As ações falam mais alto do que as palavras. Revelam o caráter. Em seguida, escreva a motivação que leva as personagens a agirem da forma como agem. Ninguém age sem uma razão. Só os animais reagem por puro instinto. Em graus diferentes, todos nós

temos razões para o que fazemos. Por que é que estas personagens decidem agir como agem? Qual é a sua motivação? (EDWARDS, 2005, p. 60, tradução nossa).

Tente se identificar com as personagens. Se a personagem em questão é egoísta, pense a respeito das vezes em que você se sentiu tentado a agir dessa maneira. Como isso influenciou suas escolhas, por exemplo.

O passo exegético referente a grande ideia ou ideia central da períclope, diz respeito a resumirmos a cena em destaque a uma única sentença. Nenhum sermão está pronto para ser pregado até que consigamos resumi-lo em uma única frase curta, clara e objetiva. Somente assim, conseguiremos fugir do excesso de informações oriundas de nossa análise exegético-literária a fim de ganharmos clareza e objetividade.

A aplicação é deveras significativa. Digo isso, porque o objetivo de um sermão é diferente de uma palestra ou de uma aula. A finalidade de uma pregação é transformar a vida das pessoas:

Uma das marcas distintivas de um sermão é que o seu objetivo é fazer uma mudança concreta de comportamento na vida dos ouvintes. Nenhum sermão registado nas Escrituras foi alguma vez pregado com o único propósito de aumentar a base de informação da audiência. Um sermão não é uma palestra. Não está interessado apenas em comunicar conteúdo. O objetivo de um sermão é sempre provocar uma mudança na vida de quem o ouve. A

informação é um instrumento utilizado para influenciar a conduta. Os sermões que tocam as mentes, mas passam ao lado da vida dos ouvintes são maus sermões (EDWARDS, 2005, p. 69, tradução nossa).

A fim de chegarmos a aplicação do texto, cabem algumas perguntas: Como podemos atualizar esta narrativa para o nosso tempo? Como podemos recontá-la a fim de torná-la mais palatável ao homem contemporâneo? Como sua vida mudaria se você aplicasse a lição desta história?

### **Proposta homilética para um sermão em primeira pessoa**

Eugene Lowry, catedrático de homilética por mais de trinta anos na Escola de Teologia Saint Paul na Cidade do Kansas, entende o trabalho do pregador como o de um contador de histórias. Para ele, pregar é narrar. A tarefa de um pregador, segundo Lowry, é muito semelhante a de um dramaturgo ou a de um romancista. Por isso, ele afirma que as nossas melhores pregações parecem de fato com uma história (LOWRY, 2001, n.p.).

O intuito de um sermão narrativo ou em primeira pessoa é transmitir a mesma ideia e (re)criar o mesmo impacto que determinada história bíblica causou em seus primeiros ouvintes. Embora seja difícil precisar tal impacto, é certo que antes de serem escritas, as narrativas bíblicas foram contadas oralmente ao redor de

fogueiras. Imagine a vivacidade e a emoção com que a história de Davi e Golias era narrada. A entonação da voz, a dramaticidade, os pormenores, as gesticulações, tudo isso envolvia os ouvintes originais.

No tópico anterior, abordamos os passos para a exegese de um texto narrativo. Agora, veremos os passos homiléticos para a construção de um sermão em primeira pessoa: 1) Selecionar o texto bíblico apropriado; 2) Assegurar-se de que identificou a grande ideia da narrativa; 3) Desenvolver o protagonista para a história; 4) Criar o antagonista; 5) Definir a história; 6) Traçar o enredo; 7) Determinar a perspectiva; 8) Criar personagens; 9) Escrever o manuscrito; 10) Decidir os acessórios; 11) Aperfeiçoar o manuscrito; 12) Ensaiar o sermão; 13) Pregador o sermão.

Para pregar um sermão em primeira pessoa, o pregador carecerá criar um protagonista. Ele deverá assumir o papel de um determinado personagem (real ou fictício) a partir do qual a história será contada. Nem sempre esse personagem será o protagonista da narrativa bíblica, como explica Edwards:

O protagonista da narrativa bíblica não deveria se tornar automaticamente o protagonista do seu sermão? Não necessariamente. O pregador tem a opção de escolher uma personagem completamente diferente da história. Também pode decidir criar uma personagem totalmente nova através da qual irá

contar a sua história (EDWARDS, 2005, p. 77, tradução nossa).

O que se percebe aqui é o foco narrativo, isto é, o ponto de vista a partir do qual a história será narrada. Podemos contá-la sobre vários aspectos, pelo viés das mais variadas personagens. À guisa de ilustração, Moacyr Scliar, em os *Vendilhões do Templo* (SCLIAR, 2006), reconta uma história que ocupa apenas dois versículos nos evangelhos sob a ótica daquele que fora expulso por Jesus do templo de Jerusalém. Existem personagens bíblicos coadjuvantes – neste caso específico um antagonista - esquecidos que, ao longo dos séculos, ganharam o imaginário popular e que podem ser adaptados como narradores em pregações em primeira pessoa. Para que a pregação narrativa impacte os ouvintes, é necessário que eles se identifiquem com a personagem que está narrando a história.

A sugestão de Edwards é a seguinte: “Pregue sermões em primeira pessoa no Natal e na Páscoa. Ao comunicar estas histórias bem conhecidas através da ótica de uma personagem diferente a cada ano, você garantirá que a sua congregação ouça velhas histórias de uma nova forma” (EDWARDS, 2005, p. 82, tradução nossa).

A laconicidade dos narradores bíblicos também acaba por oportunizar a pregação em primeira pessoa. Em *Sansão na ótica da literatura*, Casagrande faz a seguinte observação: “Malgrado Sansão ser o único juiz cuja vida é retratada do início ao fim, nota-se que o

narrador o faz de forma bastante lacônica, dando brechas a serem preenchidas por aqueles que se aventuram pelas páginas da Bíblia” (CASAGRANDE, 2021, p. 25). Frei Betto, anteriormente citado, ao explicar o que o levou a escrever o romance *Um homem chamado Jesus* (BETTO, 2009), baseado nos evangelhos, conta que seu intuito foi o de facilitar o acesso de seus contemporâneos aos textos bíblicos:

A ideia deste livro [*Um homem chamado Jesus*] nasceu da constatação de que as pessoas têm dificuldade em entender os evangelhos, seja porque foram escritos há dois milênios, seja porque elas não dispõem de tempo para fazer um curso bíblico. Decidi, pois, reescrevê-los em forma de romance, de modo que o texto fosse encontrado dentro de seu contexto geográfico e histórico [...] Só completei com a imaginação o que nenhuma fonte me forneceu (CASAGRANDE, 2011, p. 16).

O sermão em primeira pessoa segue a mesma lógica exposta por Casagrande e por Betto. Ao construirmos o enredo para um sermão narrativo, temos de preencher as brechas narrativas deixadas pelo autor, bem como suprir as deficiências geográficas, históricas e culturais de nosso auditório em relação ao texto. Tudo isso será feito por meio de pesquisa exegética minuciosa, além das ferramentas da Teoria Literária. Por fim, completaremos com a imaginação apenas aquilo que nenhuma fonte foi capaz de nos prover.

O enredo de um sermão em primeira pessoa deve estar envolto em conflito. O que prende a atenção dos telespectadores em uma série, novela ou filme são os conflitos. Quanto mais conflito houver, mais as pessoas ficarão grudadas na tela. Se, por outro lado, a monotonia predominar a tendência é de que a pessoa fique sonolenta, levante da frente da televisão ou, simplesmente, mude de filme, de série ou desligue a TV. Algo parecido acontece com um sermão em primeira pessoa:

Um sermão em primeira pessoa não é uma palestra. É a apresentação histórico-dramática de um texto bíblico. Se não tem drama, não é um sermão em primeira pessoa, apenas uma palestra ruim. Como podemos aumentar o poder dramático do um sermão? Aumentando o conflito. Drama é conflito. Conflito é drama (EDWARDS, 2005, p. 93, tradução nossa).

No que diz respeito ao sétimo tópico homilético proposto por Edwards, existem três possibilidades de “perspectivas” a serem levadas em consideração. Na primeira delas, semelhantemente a um filme ou novela de época, o pregador (ou seria melhor nomeá-lo de contador de história) conduziria a plateia ao tempo dos acontecimentos originais. O público, então, é automaticamente transportado para a época em que a narrativa ocorreu. As personagens, para não agirem de maneira anacrônica, devem se limitar ao conhecimento do mundo antigo. Neste caso, o sermão se passa dentro do mundo bíblico. Na segunda, o contador de história pode emergir do passado para o presente para falar com os homens

hodiernos. A personagem do mundo antigo seria “teletransportada” para o nosso tempo, falando aos homens de hoje. Uma espécie de máquina do tempo. A terceira e última possibilidade, segundo Edwards, seria transportar os ouvintes para o passado tornando-os parte da história bíblica. Segundo ele: “Esse pode ser um tipo poderoso de narração porque permite ao protagonista falar diretamente com os ouvintes e tratá-los como parte da história. Obviamente, a personagem só pode referir-se ao mundo antigo.” (EDWARDS, 2005, p. 99, tradução nossa).

Quanto à escrita, a primeira dica é: lembrar-se de que não está escrevendo um ensaio, mas um sermão narrativo. O objetivo é tornar a história autêntica, viva, emocionante e penetrante. Apesar de escrito, o sermão em primeira pessoa deve ser pregado sem o uso de anotações, para que a dramaticidade e a vivacidade da narrativa seja a mais intensa possível e atinja seu objetivo. Edwards faz a seguinte observação: “Não memorize as suas falas. Em vez disso, interiorize a sua mensagem. Não tente dizer as palavras com perfeição. Fale apenas como a personagem o faria. Fale a partir do seu coração” (EDWARDS, 2005, p. 105, tradução nossa).

### **Breve exemplo de sermão em primeira pessoa**

Neste tópico, há a tentativa da construção de um sermão em primeira pessoa um tanto quanto lacônico, à guisa de



exemplificação. O sermão está baseado em Juízes 6.11-24, texto que trata do chamamento de Gideão. Percebam como adentramos a mente de Gideão por meio do fluxo de consciência. Nosso personagem está falando consigo mesmo. Somos capazes de ouvir seus pensamentos. Sentimos seus receios e traumas, o que nos faz ter empatia para com a sua pessoa. O conflito se dá pela opressão dos midianitas. Eis o esboço do sermão:

*Num tempo em que os midianitas nos oprimiam, eu estava malhando o trigo dentro do lagar. Já tinha visto muitas famílias israelitas serem espancados, terem os grãos roubados, as plantações destruídas e os rebanhos saqueados pelos midianitas. Era um tempo de muita tensão. Estávamos vivendo um momento de escassez. Toda a colheita sendo levada.*

*Eu tinha ciência de que lagar não era o local mais apropriado para a tarefa que eu desempenhava. No lagar, as uvas eram pisoteadas a fim de se tornarem vinho. O trigo deveria ser malhado em local aberto. Na eira, por exemplo, para que o vento soprasse a palha e sobrasse apenas o trigo. Mas eu estava com medo. O lagar servia como um esconderijo para mim. Nele, eu encontrava a falsa sensação de que não seria molestado pelo midianitas.*

*Nesse mesmo dia, apareceu-me um anjo. Assustei ao ouvir a sua voz. Estremeci. Além do mais, ele me chamou de “homem valente”. Como seria possível? Ele só podia estar zombando de*

*mim. Haveria cinismo da parte do anjo, já que eu me encontrava visivelmente amedrontado? De valente, na verdade, eu não tinha nada (ao menos naquele momento).*

*O anjo, então, disse a que veio: Incumbir-me, por mando do Senhor, da missão de livrar Israel das mãos dos midianitas. Logo eu? Com tanta gente preparada. Com tanta gente corajosa. “Minha família é a mais pobre de Manassés e eu o menor na casa de meu pai”, disse eu ao Senhor. Eu me sentia inferior aos demais. Eu me sentia incapaz. Eu tinha medo.*

*Fiquei refletindo sobre a abordagem do anjo: por que ele não me chamou de covarde? Por que ele não disse que eu era medroso por estar malhando o trigo dentro do lagar? Talvez, porque o Senhor, que me criou, tenha olhado para mim e visto a força necessária para me tornar um grande juiz em Israel. Embora eu não visse potencial em minha pessoa, Deus viu. Deus me criou com o propósito de libertar seu povo das mãos dos opressores. Assim, o anjo me disse algo que nem eu mesmo conseguia observar em mim. Embora me sentisse pequeno, diminuído e acovardado, Deus, em seu infinito poder, me deu coragem, força e valentia.*

*Eu, Gideão, pela misericórdia de Deus, fui considerado o maior dos juizes de Israel. De modo que, com um batalhão de apenas 300 homens, venci, com o suporte divino, nossos algozes. Para que a glória da vitória fosse toda do Senhor, Ele (ironicamente!), pede para que eu diga ao povo: quem estiver com medo de guerrear volte*

*para casa. Houve uma debandada de cento e vinte e dois mil homens. Eu permaneci à frente de um grupo ínfimo, porque Deus havia me transformado, de fato, em um homem valente.*

### **Aplicação do sermão em primeira pessoa**

Se um dos pontos fortes do sermão em primeira pessoa é a emoção e o impacto, um dos pontos fracos é a aplicação. Isso ocorre, porque a personagem que conta a história está limitada pelo tempo e o espaço. Ela não terá como fazer pontes com o mundo contemporâneo, a não ser que tenha vindo da antiguidade para os nossos dias (como em uma cápsula do tempo). Para suprir essa deficiência, Kent Edwards faz a seguinte sugestão:

Uma das maneiras de compensar isso é pedir que alguém venha depois que você terminar [...] e faça a aplicação. Se você decidir fazer isso: 1) Perceba que a aplicação secundária terá muito menos poder emocional do que o próprio sermão em primeira pessoa. 2) Lembre-se de ser bem breve. A história acabou. A tensão se foi. O interesse se dissipou quase totalmente. 3) Escreva. Não confie a aplicação à inspiração do momento. Escreva o que você quer que a outra pessoa diga. (EDWARDS, 2005, p. 122, tradução nossa).

Penso que esta seja uma forma coerente de tornar o sermão em primeira pessoa cristocêntrico, já que as personagens do Antigo Testamento não tiveram acesso a Jesus e, portanto, seria anacrônico

colocar o nome dele na boca de Gideão, por exemplo. Deste modo, segue uma breve proposta de aplicação para o sermão apresentado no tópico anterior:

*Ainda que como você, prezado ouvinte, se sinta rejeitado, inferiorizado e diminuído como Gideão, saiba que Deus te ama em Cristo Jesus. Ele deu a vida por você e não há amor maior do que esse. Mesmo que você se sinta acovardado ante as lutas da vida, tal qual Gideão se sentiu, lembre-se de que “Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação” (II Tm. 1:7). Deus tem um propósito em sua vida assim como teve na de Gideão, portanto, não se acovarde, nem se intimide, pois Deus é contigo por onde quer que fores.*

Apesar de oferecer a possibilidade de outra pessoa aplicar o sermão em primeira pessoa em lugar do pregador, o criador deste método homilético – depois de vinte anos pregando sermões em primeira pessoa - diz o seguinte: “É raro que outras pessoas apliquem minha mensagem. Descobri que quando você apresenta suas ideias homiléticas com intensidade e clareza dramáticas, é relativamente fácil para os ouvintes fazerem as aplicações concretas específicas solicitadas no texto” (EDWARDS, 2005, p. 122, tradução nossa).

### **Considerações finais**

Nosso intuito com este artigo foi o de ampliar o horizonte homilético dos pregadores brasileiros. Nossa proposta inclui

principalmente a pregação de textos narrativos veterotestamentários (ausentes nos púlpitos da maioria das igrejas), sem negligenciar as narrativas neotestamentárias. Além disso, propusemos como melhor forma de pregá-los o sermão em primeira pessoa ou sermão narrativo. Segundo Edwards, teórico a quem recorremos, os púlpitos só têm a ganhar com a exposição de sermões em primeira pessoa:

Os sermões expositivos em primeira pessoa ajudam os pregadores a aumentar o impacto das suas mensagens. Eles são a maneira mais eficaz de comunicar tanto a emoção quanto a verdade de uma passagem narrativa. Estes sermões captam a mente e inflamam a imaginação. Eles persuadem os ouvintes de que a Bíblia está viva e é relevante. Os pregadores que escolhem comunicar literatura narrativa com um sermão em primeira pessoa estão escolhendo propiciar a emoção natural desses textos. (EDWARDS, 2005, p. 24, tradução nossa).

Segundo Lowry, há dois tipos de pregadores: “Um tem algo a dizer mas não sabe como dizer, o outro sabe como dizer mas não tem nada a dizer” (LOWRY, 2001, n.p., tradução nossa). Precisamos de pregadores que saibam como dizer e que tenham algo a dizer. Para tanto, as narrativas bíblicas podem e devem contribuir para o enriquecimento dos púlpitos de nossas igrejas, no entanto, é necessário saber usá-las, isto é, “dizê-las”. Em outras palavras, é imprescindível saber recontá-las aos nossos contemporâneos a fim de cativá-los, prender-lhes a atenção, para que, enfim, a narrativa bíblica atinja o objetivo maior de falar ao homem hodierno, transmitindo-lhe uma mensagem impactante e transformadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTO, Frei. **Parábolas de Jesus: ética e valores universais**. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. *Um homem chamado Jesus*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

CASAGRANDE, André J. C. **Sansão na ótica da literatura**. São Paulo: Reflexão: 2021.

\_\_\_\_\_. *Jesus na ótica da literatura*. São Paulo: Reflexão, 2011.

CONFISSÃO DE FÉ e CATECISMO MAIOR da Igreja Presbiteriana. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1980.

EDWARDS, J. Kent. **Effetive first-person biblical preaching**. Michigan: Zondervan, 2005.

\_\_\_\_\_. **Deep Preaching: creating sermons that Go Beyond the superficial**. Nashville, B&H Publishing Group, 2009. Edição do Kindle.

FRYE, Northrop. **O Código dos Códigos: a Bíblia e a literatura**. São Paulo: Boitempo, 2004.

GONÇALVES, Vanessa. As 10 Séries mais Famosas de Todos os Tempos! 21 set. 2023. Disponível em: <https://www.zinecultural.com/blog/series-mais-famosas-de-todos-os-tempos>. Acesso em 23 mar. 2024.

LOPES, Hernandes Dias. **Pregação Expositiva: sua importância para o crescimento da igreja**. São Paulo: Hagnos, 2022.

LOWRY, Eugene. **The Homiletical plot: the sermon as narrative form.** Louisville (Kentucky): Westminster John Knox Press, 2001.

MATHELWSON, Steven D. **The art of preaching Old Testament Narrative.** Washington, DC: Baker Academic, 2002.

MILES, Jack. **Cristo uma crise na vida de Deus.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCLIAR, Moacyr. **Os Vendilhões do Templo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

## **Narrative Preaching**

### **ABSTRACT:**

Narratives have always enchanted humanity. Faced with a world saturated by narratives, sermons face a huge challenge: captivating the attention of listeners who are fond of *storytelling*, soap operas and series from *streaming* platforms. The competition would be unfair, were the Bible not primarily a book made up of narratives. So, in our view, the best way to communicate with a society in which narratives prevail is to use biblical narratives. This article proposes that we look at Old Testament narratives in order to construct narrative or first-person sermons. The aim is to expand homiletical horizons beyond the New Testament texts. We will use as a theoretical-methodological basis studies on the literary analysis of the Bible, as well as the homiletical method proposed by the American theologian J. Kent Edwards.

### **KEY-WORDS:**

Homiletic, biblical narratives, first-person preaching.